



IV FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA – IV FIPED

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ARTE EDUCAÇÃO EM CAJAZEIRAS – PB: IMPLICAÇÕES E (RE) SIGNIFICAÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Aldeir Fernandes Oliveira¹
Maria Lucinete Fortunato²
Mariana Moreira Neto³

INTRODUÇÃO: Este trabalho objetiva apresentar o resultado da formação continuada desenvolvida pelo projeto de extensão “EDUCARTE”, com professores de Arte Educação das escolas municipais na cidade de Cajazeiras – PB. Problematizou-se, sobretudo, os aspectos didático-pedagógicos e a relevância metodológica do “Plano de Curso Programático Coletivo” reelaborado nas oficinas e reuniões do projeto, o qual será trabalhado, sistematicamente, em sala de aula, pelos referidos professores, a fim de contribuir para o aperfeiçoamento de suas práticas docentes e potencializar práticas artísticas e culturais no processo de ensino-aprendizagem de arte em suas diferentes linguagens. **METODOLOGIA:** As atividades foram desenvolvidas por meio da pesquisa-ação, de modo que, a partir das experiências dos professores, buscou-se ampliar o universo teórico-metodológico e a qualificação dos mesmos. **RESULTADOS:** A arte na escola não é vista com a mesma importância dada às outras disciplinas e seus professores possuem uma formação incipiente, pois muitos que ensinam arte não são formados nesta área de conhecimento, existindo certa rotatividade, já que ensinar artes, geralmente, significa complementar carga horária. **CONCLUSÃO:** A falta de uma formação profissional adequada muitas desqualifica o processo de ensino e aprendizagem da arte embora esta seja uma disciplina de suma importância para a formação do aluno, como um ser social e cidadão.

Palavras chave: Arte Educação, Práticas Didático-Pedagógicas, Formação Continuada.

¹ Bolsista PROBEX 2011 e Graduando em História, pela UACS/CFP/UFCG, Cajazeiras – PB; e-mail: aldeirfo@gmail.com

² Coordenadora/Orientadora e Profª. Drª. da UACS/CFP/UFCG, e-mail: mlucinete@uol.com.br

³ Orientadora e Profª. Drª. da UACS/CFP/UFCG, e-mail: moreiramariana@uol.com.br

1. ARTE, SOCIEDADE E ESCOLA

Teoricamente a Arte é tida como sendo de suma importância no processo de socialização do indivíduo, ou seja, contribui para a formação do ser humano para viver em sociedade, se tornando assim uma necessidade à vida humana, também podendo ser utilizada como uma forma de transformação social. Corroborando com essa ideia Ana Mae Barbosa (2003) acredita que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.18)

Nesta perspectiva, a arte tem sido considerada como forma de contribuir para formar o indivíduo para viver em sociedade, e também se constitui num meio para a transformação do homem e do contexto em que ele vive, através de um processo humanizador e estético. Aceitando essa função da arte no meio social Bernadete Zagonel (2008) defende que:

O ensino de Arte não se encerra na escola, nem com relação aos conhecimentos, nem quanto às habilidades adquiridas. Ele deve ser forte e profundo o suficiente para que indivíduo o leve para sua vida toda, para que possa usar sua sensibilidade e sua criatividade em suas atividades profissionais e nas relações sociais e familiares. Eis aí mais uma importante função do ensino de Arte: contribuir para preparar o cidadão para viver em sociedade. (...) Para promover a formação da cidadania, o ensino de Arte deve abranger não só a razão, mas também os sentimentos, as sensações e a intuição, considerando o imaginário, os desejos e os sonhos dos alunos, de modo que todos possam colocar-se como “sujeitos da história”. (p. 38-81)

No que concerne a Arte na escola, Pimentel (2007) partilha dessa reflexão ao afirmar que:

Arte, na escola, é a oportunidade do aluno explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. O ensino de arte propicia meios de conhecer, apresentar, interpretar, simbolizar e metaforizar em contexto de apreciação estética e de valorização cultural. (PIMENTEL 2007, apud ZAGONEL 2008, p.37)

Nesta perspectiva as instituições de ensino devem proporcionar uma familiarização com a arte, bem como, com as diferentes linguagens artísticas que constituem o fazer/saber artístico. Essa familiarização, segundo Maura Penna, pode já ser iniciada “[...] a partir do contato e da ação sobre as manifestações artísticas em sua

concreticidade: concreticidade sonora no caso da música; visual no caso das artes plásticas [...]” (PENNA, 1994, p.17). No entanto, o acesso a esses bens culturais, construídos historicamente pela humanidade, não é acessível a muitos grupos sociais e assim as diferentes produções artístico-culturais se tornam exclusividade das elites, ou seja, existe uma desigualdade no que diz respeito à democratização da arte. (BOURDIEU E DARBEL, 2003; FORQUIN, 1993, et al.)

A promoção da democratização da arte, neste contexto, pode ser viabilizada nas bases do ensino de Arte, pois “a escola deve trabalhar a sensibilidade e o potencial criativo do indivíduo para que ele se desenvolva durante toda a sua vida e para que a experiência com o fazer artístico o acompanhe para sempre” (ZAGONEL, 2008, p.84). Portanto, o aluno deve receber estímulos para criar, pois com desenvolvimento desse hábito, posteriormente terá a capacidade para refletir, analisar e criticar as diversas produções, sendo este um princípio essencial para a efetivação de um aprendizado aprofundado.

Levando-se em consideração as questões discutidas acima, o projeto “EDUCARTE” propôs para a formação continuada de professores de arte: criar espaços para debater o ensino da arte, e suas diferentes linguagens, possibilitando trocas de experiências entre os docentes das escolas públicas de Ensino Médio e Fundamental e vislumbrando práticas pedagógicas que visem à formação do aluno enquanto produtor cultural e amplie, continuamente, o campo de possibilidades de ações que possam ser aplicadas no âmbito das salas de aula.

O projeto foi desenvolvido com base em princípios metodológicos participativos e na pesquisa-ação (PA). De acordo com Thiollent, (2005) essa proposta metodológica, é fundamental para a interação participativa entre pesquisador e pesquisado considerando que a pesquisa e a ação se dão de forma concomitante e o grupo beneficiado passa por transformações no âmbito da produção de conhecimentos e da prática.

A opção pela pesquisa-ação se justifica pela configuração do problema a que nos propomos a desenvolver nas ações extensionistas, ou seja, a análise e o aprofundamento teórico-metodológico do ensino de arte desenvolvido no município de Cajazeiras - PB e as questões relacionadas à prática didático-pedagógica nesta área.

Essa proposta se difundiu, principalmente por meio: da formação de um grupo de estudos para discussões teóricas, desde 2009; da elaboração de conteúdos didático-pedagógicos; do acompanhamento sistemático e da orientação teórico-metodológica; da

ministração de cursos, oficinas e palestras, buscando proporcionar ao educador uma articulação entre teoria e prática na produção e socialização do conhecimento artístico, e principalmente o redimensionamento do ensino de arte educação.

Em relação à práxis pedagógica do professor no âmbito da sala de aula e principalmente sobre o seu planejamento para atuar nesta, o projeto EDUCARTE propôs a criação de um “Plano de Curso Programático Coletivo”, o qual foi elaborado em 2010 e (re) elaborado em 2011 e concebido como um parâmetro didático-pedagógico para o ensino de Arte no município de Cajazeiras - PB. Este plano busca inovar o ensino de Arte sistematicamente, através da unificação de temas, objetivos específicos, conteúdos, metodologias e avaliações a serem desenvolvidos pelos professores nas salas de aula, do 6º ao 9º ano.

De acordo com os textos debatidos no grupo de estudo e nas oficinas realizadas, bem como com o Plano de Curso Programático Coletivo pode-se considerar que ensinar Arte na escola se justifica como um meio de ativar e estimular as emoções, as sensações e o potencial criativo, dentro das linguagens artísticas ensinadas.

Essas premissas estão em consonância com o que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ao estabelecer que a Arte deve constituir uma disciplina obrigatória para todos os níveis da educação básica, por meio da realização de atividades que visem o desenvolvimento cultural do indivíduo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), também pregam que: “É desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada” (PCN, 2000, p.36).

Segundo Smith:

Não basta apenas dizer que a arte deve ser estudada como assunto no currículo, o compromisso com a excelência no ensino de arte e a excelência na educação é fundamental. [...] a Arte merece estudo como um assunto particular, como um assunto que tem finalidades, conceitos e habilidades específicas. (SMITH, 1986, apud MAGALHÃES, 2007, p. 163).

No âmbito escolar, a disciplina de arte tem como objeto de estudo conteúdos específicos contemplados nas diferentes linguagens artísticas como: as artes visuais, a dança, a música e o teatro, situados num tempo e espaço historicamente construídos pelo homem. Esses conteúdos devem ser abordados em direção a uma totalidade sob dois eixos: os conteúdos estruturantes, os quais podem ser: a matéria-prima, os

elementos formais, a composição e as técnicas de cada uma das linguagens artísticas; e a abordagem sócio-histórica, ou seja, artistas, obras, época, gênero, movimentos e períodos históricos. (DINARDI, s/d)

Numa perspectiva sistemática e organizacional esses conteúdos devem se constituir como uma diretriz, um caminho que possa promover a apreensão, subjetivação e objetivação teórica e prática do saber artístico, de forma gradativa e que aos poucos possa ser aprofundado. Em relação aos conteúdos a serem ensinados nas aulas de arte Zagonel expressa que: “[...] espera-se que esses conteúdos estejam articulados sobre três eixos norteadores: a produção, que é o fazer artístico; a fruição, que é a apreciação da obra artística; e a reflexão, que se refere à aquisição de conhecimentos”. (ZAGONEL, 2008, p.63)

Neste sentido, não basta instruir-se de um conteúdo escolar para se obter notas e aprovação no ano escolar, e sim é indispensável aprender um conteúdo escolar em razão de uma necessidade social, ou seja, compreendê-lo e utilizá-lo rumo a uma intervenção e uma transformação, individual e socialmente.

Em contraposição a importância da Arte na escola existe premissões que a desconsideram, pois é histórica a confusão em relação às aulas de Arte, tradicionalmente comparadas com lazer, terapia, descanso das aulas sérias, o momento para fazer a decoração da escola nas festas de comemoração de determinadas datas cívicas, preencher desenhos mimeografados ou reproduzidos por outros meios, fazer o presente do dia dos pais ou das mães, pintar o coelho da páscoa e a árvore de natal (RODRIGUES 2008).

Além disso, o que se evidencia é que, por vezes, a arte produzida pelas crianças é tratada ou percebida pelos adultos de forma equivocada e com desprezo, pois ao se falar em arte está implícita a postura do adulto. E na escola, em geral, muitas vezes continua se associando arte a lazer, em oposição às disciplinas “sérias” como Português, Matemática, etc.

Neste contexto, segundo Rodrigues (2008), as escolas impõem um “esquartejamento mental”, pregando que as emoções devem ficar fora destas para não atrapalhar o desenvolvimento intelectual, e a disciplina de arte assim como os recreios seriam momentos de lazer, para a fluência de sentimentos e emoções.

2. O ENSINO DE ARTE E A ROTATIVIDADE DE PROFESSORES

Nos diversos ambientes escolares, é perceptível que, os profissionais que lecionam a arte continuam se sentindo despreparados, alheios sobre o real sentido do que seja e para que serve a arte, sobretudo devido a rotatividade dos professores que assumem a disciplina como complemento de carga horária. Para estes, o ato de improvisar é confundido com o de criar.

Para Bernadete Zagonel:

É comum, em escolas de todo o país, que o ensino de Arte seja feito por professores de qualquer outra disciplina que estejam com sua carga horária baixa. Assim, para aumentar seu horário de trabalho, ele é obrigado a trabalhar com essa disciplina, sem trazer consigo nenhuma formação especializada. É evidente que, diante de tal quadro, não podemos esperar resultados satisfatórios. (ZAGONEL, 2008, p.57)

Em razão da escassez de cursos de licenciatura em Arte, muitos professores com formação em outras áreas de conhecimento lecionam a disciplina de Educação Artística sem formação adequada e isso se constitui num dos elementos que configuram o ensino como descontextualizado, sem fundamentação e aprofundamento teórico adequado, proporcionando os equívocos e as incoerências que caracterizam o ensino de arte.

Mas, deve-se considerar que a criatividade é um princípio norteador que o educador deve procurar desenvolver na sala de aula. A criatividade nas aulas pode ser fruto de um bom planejamento institucional, e o imprevisto acontece quando não existe este planejamento.

Essa situação se manifesta nas experiências pessoais narradas verbalmente pelos professores, os quais expuseram, nas reuniões e encontros, suas práticas didático-pedagógicas, e relataram a ausência de uma preocupação dos gestores municipais para qualificá-los devido à compreensão de que qualquer um pode dar conta desta disciplina e de que é desnecessário o cuidado em realizá-la com zelo e excelência.

Um dos principais resultados obtidos nas ações extensionistas é de que o professor de Arte que temos, hoje, na maioria dos casos, não é qualificado nesta área específica de conhecimento e apenas se encontra ministrando a disciplina por uma questão de cumprimento de carga horária. Exemplo disso é o fato de que em Cajazeiras - PB apenas um dos professores da rede municipal de ensino é graduado em Artes.

A formação inadequada desses profissionais os leva a “transmitir” conhecimentos desta disciplina curricular a partir de noções incipientes (não aprofundadas) de Arte Educação, contribuindo, efetivamente para a presença de um

ensino de Arte não significativo nas escolas de modo que o ato de imaginar, gerar, elaborar etc., que deveria nortear o ensino de Arte, é substituído pelo ato de arranjar-se às pressas, fazer sem prévio preparo, criar na hora etc. Segundo Barbosa “A falta de uma preparação de pessoal para entender a Arte antes de ensiná-la é um problema crucial nos levando muitas vezes confundir improvisação com criatividade.” (BARBOSA, 2007, p.15). Essa confusão, ainda contribui para o ensino de Arte tornar-se desvalorizado e não ser considerado como fundamental e determinante no processo educativo e de produção de cidadania.

Acrescenta-se também a esses obstáculos, o fato que não existe nas escolas um material teórico e didático-pedagógico para dar aporte às aulas. Situação que se agudiza com a falta de colaboração dos órgãos competentes no acompanhamento e no processo de formação continua desses professores.

No intuito de amenizar essas discrepâncias, considera-se que o educador de Arte deve refletir sobre o seu compromisso com essa disciplina e sobre o seu comportamento no ambiente escolar, sendo estas premissas básicas para este realizar, na escola, um trabalho com fundamentação teórico-metodológica adequada. O professor necessita ter consciência de sua importância e responsabilidade como agente e participante direto do processo educacional. Deve, pois, buscar uma pedagogia realista e progressista, preparando-se de forma continuada e dominando sua área de atuação, a fim de poder contribuir, permanentemente para a formação de seus alunos enquanto seres pensantes, críticos, produtores de conhecimento e também como cidadãos. Desse modo, Marília Diaz expressa que ensinar Arte:

Antes de mais nada é trabalhar seriamente, em adequação com o contexto, buscando conhecer a realidade. Enquanto professor, é ler incessantemente, estudar sobre métodos, como se constrói o conhecimento, estudar sobre a vida e obra dos artistas, movimentos artísticos, acompanhar a produção cultural de sua cidade, país e mundo. É saber usar com adequação os materiais, estabelecer pontes do conhecimento com as mídias, transformando conteúdos em questões significativas. Em suma, é conhecer o aluno e como ele aprende, conhecer sobre Arte e ensinar Arte interagindo. E como se ensina Arte? Da mesma forma como ensinamos Português, Matemática ou outra área do conhecimento humano. E, de forma diferente também, pelas especificidades da área, pelas questões do campo sensível, questões regionais, multiculturais, pelas respostas divergentes de cada aluno. Arte é linguagem e, como tal, tem códigos que devem ser acessados e desvelados. É preciso saber para onde vamos. Não podemos saber para onde vamos sem um projeto e um trajeto e isso pressupõe tempo e envolvimento. Ao professor compete

ensinar e aprender constantemente. (DIAZ, 2007, apud ZAGONEL 2008, p. 104)

Assim, a ação pedagógica do professor de Arte deve proporcionar a práxis artística, através de experiências artísticas, por meio do entendimento histórico e teórico das experiências vivenciadas. Este educador, como agente direto do processo de ensino-aprendizagem, deve se conscientizar, de sua importância e responsabilidade de ser um artista interior, na sua essência um inventor e realizador de produções artísticas, sensível à realidade para poder dialogar com ela, e, através das suas técnicas, mostrar sua personalidade criativa.

O professor precisa continuar a aprender e crescer com os alunos [...] O professor precisa permanecer criança (grande), sensível, vulnerável e aberto a mudanças [...] a melhor coisa que um professor pode fazer é colocar na cabeça dos alunos a centelha de um tema que faça crescer [...] Muitas vezes, ensinar é responder a questões que ninguém faz. (SCHAFER, 1991, apud ZAGONEL 2008, p. 106)

Ademais, dos professores, exige-se que conheçam os conteúdos e as metodologias atuais para o ensino de Arte. No entanto, alguns aspectos se interpõem e funcionam como fortes obstáculos ao desenvolvimento do ensino de arte, destacando-se além da comprovada fragilidade da formação desses profissionais, a falta de atualização frente às novas idéias e teorias e as limitações em termos de desempenho em sala de aula.

Entretanto, é preciso reconhecer que o professor é um profissional de formação contínua e essa formação aviva-se quando este começa a atuar no ambiente escolar, uma vez que,

A formação do professor se intensifica à medida que ele se defronta com as situações reais do ensino e aprendizagem. Faz parte intrínseca de sua profissionalidade a reflexão e a pesquisa contínua. Um movimento que se amplia na troca entre seus pares, nos planejamentos coletivos e também nas carências e dificuldades comuns identificadas nos momentos de cumplicidade. (COUTINHO, 2007, p. 158)

Nesse sentido, o professor de Arte deve se atualizar em relação aos métodos e conteúdos necessários e pertinentes à atualidade, e essa atualização pode ser explicitada na elaboração de um plano de curso programático direcionado, no qual é imprescindível está presente temas, objetivos específicos, conteúdos, metodologias e avaliações para serem trabalhadas sistematicamente na sala de aula. Por isso a relevância social e didático-pedagógica do plano de conteúdos programáticos, concebido como parâmetro curricular a ser desenvolvido, pelo profissional educador, na escola, uma vez que:

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de uma cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. (BARBOSA, 2007, p. 14).

De acordo com essa compreensão, as discussões e debates realizados expuseram as dificuldades que os professores enfrentam para ensinar uma disciplina, quando muitas vezes não se sentiam seguros quanto aos conteúdos e as metodologias a serem adotados, bem como, não percebiam interesse dos gestores para a disposição de material que fornecesse auxílio nas suas práticas pedagógicas. O suporte de textos cujos temas problematizaram as dificuldades apresentadas pelos professores se revelou rico e gerador de conhecimento e inovação.

Os professores de Arte apontam que as oficinas, encontros e formações foram essenciais para a promoção de debates e discussões e para o intercâmbio de saberes e experiências relacionados aos acontecimentos significativos no processo de ensino e aprendizagem em Arte e que, essas atividades, consideradas como uma interação dialógica, possibilitaram a construção de um nível maior de segurança para o exercício docente e para a construção de novas idéias aplicáveis à sala de aula

Assim, educadores de diversas escolas puderam compartilhar o conhecimento adquirido, as experiências e/ou experimentos vivenciados, na sua prática didático-pedagógica. E isso se torna importante, pelo fato de que há uma troca de ensaios particulares – de ideais, de habilidades, de dinamicidade e de didatismo – que cada um possui ou aplicou para ensinar e assim surge a possibilidade de produzir novas atividades, bem como, (re) significar antigas práticas.

Também assume significância a possibilidade de realização freqüente de análise das tendências pedagógicas que orientam o processo de ensino e aprendizagem em Arte, o que permitiu a escolha de práticas adequadas para o exercício do ensino de arte. Esse processo serviu como subsídio para que os professores refletissem e questionassem a sua prática enquanto educador promotor da democratização e da cidadania.

A importância das ações extensionistas realizadas pode ser dimensionada, ainda, nos depoimentos dos professores quando relatam que, a partir desta formação, estão conhecendo o verdadeiro sentido e a importância do ensino de arte para o desenvolvimento integral dos alunos. As falas a seguir expõem esta consideração: “A minha participação neste projeto vem contribuindo e muito na minha formação e conseqüentemente na formação do aluno.” E também do reconhecimento de que: “Através das idéias propostas pelo projeto, as aulas se tornaram mais dinâmicas e

possíveis de serem realizadas com os poucos recursos que temos.” (relatos dos professores)

Percebe-se, pois, que com a realização do projeto os professores passaram a (re) significar suas práticas didático-pedagógicas considerando os referenciais teórico-metodológicos debatidos, o que permitiu-lhes refletir sobre sua prática e revisar suas ações, na perspectiva de um processo de construção de identidade profissional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das ações extensionistas permitiu apreender a existência de inúmeras dificuldades que envolvem o ensino de arte nas escolas de rede municipal de ensino de Cajazeiras. Como exemplo pode-se destacar as aulas de arte que, geralmente, são consideradas como um momento de deixar fazer, de passatempo, de terapia, de lazer e de descanso, e não como espaço para o desenvolvimento das capacidades criativas e críticas. Dificuldades que se avolumam mesmo diante do crescimento intelectual, cultural e criativo dos professores e alunos.

Uma das possibilidades apontadas pelos professores para a superação dessas dificuldades seria a disponibilização de material teórico e didático-pedagógico, com o intuito de aprofundar os estudos e a produção de conhecimento em Arte Educação a fim de redimensionar e melhorar a orientação que o professor tem a respeito do ensino da Arte.

Portanto, a discussão sobre o ensino de arte nas escolas de rede municipal de ensino de Cajazeiras – PB evidenciou a relevância de se pensar o ensino de arte como uma dimensão humana e cidadã, tendo em vista a formação artística dos alunos das escolas públicas e os princípios e diretrizes norteadores da extensão universitária, como forma de estimular e democratizar o desenvolvimento do conhecimento e a criatividade dos sujeitos históricos envolvidos, na busca da socialização de saberes, aprimorando processos formativos e viabilizando a relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Arte-educação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

COUTINHO, Rejane G. A formação de professores em arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. In 3ªed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 153-159.

DENARDI, Christiane. **DISCIPLINA ARTE: O QUE É COMO ENSINAR E AVALIAR**. Disponível em:

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/artigos/disciplina-arte-o-que-e-como-ensinar-e-avaliar.php> ; acessado em 04 de jul 2011.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste; PIROSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

RODRIGUES, Karinne L. O professor de arte que temos e o professor de arte que queremos. **Akrópolis** Umuarama, v. 16, n.3, p. 165-170, jul./ set. 2008. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/2464/1957> ; acessado em 04 de jun de 2011.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 14ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na Educação Escolar**. Curitiba: IBEP, 2008.